



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

INDICAÇÃO Nº 1357/2022

Indica a realização de estudos e análises de viabilidade sobre a disponibilização de bibliotecas em todas as instituições de ensino municipais – Lei n.º 12.244 de 24 de maio de 2010, e, ato contínuo a realização de campanhas acerca da importância da leitura na formação biopsicossocioespíritual das pessoas.

Apresentamos, muito respeitosamente, ao Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, a presente Indicação para que, em consonância aos demais órgãos desta Preclara Administração Pública, Secretarias, Coordenadorias e Gerências, merecedoras do nosso mais profundo respeito, se dignem na realização de estudos e análises de viabilidade sobre a disponibilização de bibliotecas em todas as instituições de ensino municipais, e, ato contínuo a realização de campanhas acerca da importância da leitura na formação biopsicossocioespíritual das pessoas.

À guisa de considerações, uma frase sintética poderia justificar a presente Indicação, qual seja, “a leitura salva vidas”. Contudo, por imposição do ofício ou por amor ao diálogo, vamos às justificativas: para não haver mais guerras no futuro; para convivermos fraternalmente; para que, mesmo sendo profissionalmente competitivos, possamos ser solidários; para afastarmos a fome da mesa das pessoas; para termos maiores chances de empregabilidade; para sermos mais humanos; para sermos mais felizes; para sermos e fazermos mais: leitura. Trazemos um exemplo emblemático onde a leitura moldou uma das maiores escritoras do Brasil: Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914 – no mês em que se encontra o Dia Internacional da Mulher.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec – primeira escola espírita do Brasil –, na qual crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos, sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.

Mudou-se para São Paulo em 1937, quando a cidade iniciava seu processo de modernização e assistia ao surgimento das primeiras favelas. Carolina e seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima – residiram por um bom tempo na favela do Canindé. Sozinha, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, vindo desse ofício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista

PROTÓCOLO 2268/2022 - 04/03/2022 08:43



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada”.

A escritora foi "descoberta" pelo jornalista Audálio Dantas, na década de 1950. Carolina estava em uma praça vizinha à comunidade, quando percebeu que alguns adultos estavam destruindo os brinquedos ali instalados para as crianças. Sem pensar, ameaçou denunciar os infratores, fazendo deles personagens do seu livro de memórias. Ao presenciar a cena, o jovem jornalista iniciou um diálogo com a mulher que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indignação e o dia-a-dia do Canindé. Dantas de imediato se interessou pelo “fenômeno” que tinha em mãos e se comprometeu em reunir e divulgar o material.

A publicação de *Quarto de despejo* deu-se em 1960, tendo o livro uma vendagem recorde de trinta mil exemplares, na primeira edição, chegando ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Além disso, foi traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos exemplares demonstram o interesse do público e da mídia pelo ineditismo da narrativa.

Carolina publicou ainda mais três livros: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963). O volume *Diário de Bitita* (1982), publicação póstuma também oriunda de manuscritos em poder da autora, foi editado primeiramente em Paris, com o título *Journal de Bitita*, que teria recebido, a princípio, o título de *Um Brasil para brasileiros*. Em 1997, o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, autor do volume crítico *Cinderela negra*, em que discute a vida e a obra da autora, reuniu e trouxe a público um conjunto de poemas inéditos com o título de *Antologia pessoal*. Todavia, nenhuma destas obras conseguiu repetir o sucesso de público que *Quarto de despejo* obteve. De acordo com Carlos Vogt (1983), Carolina Maria de Jesus teria ainda deixado inéditos dois romances: *Felizarda* e *Os escravos*. Mas há outros, há exemplo de *Dr. Sílvio*, além de contos, peças de teatro, letras de música, e escritos esparsos, cujos originais fotocopiados encontram-se já digitalizados e disponíveis para pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, fruto de doação do pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy.

Em 13 de fevereiro de 1977, a autora faleceu em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, quase esquecida pelo público e pela imprensa. Mais recentemente, e para além do interesse despertado pela trajetória de vida, seus escritos vêm sendo objeto de artigos, dissertações e teses, em função da abertura propiciada pelos novos rumos tomados pelos estudos literários no país e no exterior, que passam a ver com outros olhos a chamada “escrita do eu”. Nesse contexto, o conjunto de escritos ainda não publicados deixados pela autora vêm despertando interesse não apenas do mundo acadêmico, mas igualmente do mercado editorial. Além das publicações póstumas das décadas de 1980 e 1990, em 2014 foi editada a coletânea *Onde estaes felicidade?* e, em 2018, *Meu sonho é escrever...* contos inéditos e outros escritos. E, já partir de 2021, os escritos carolineanos estarão disponibilizados por uma grande editora também em E-book.

Em paralelo, sua trajetória de mulher negra, marginalizada e oriunda dos estratos mais carentes da população brasileira já é objeto, até agora, de três biografias, assinadas por pesquisadores de



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

peso: a primeira, escrita por Eliana de Moura Castro em parceria com Marília Novais da Mata Machado; a segunda, assinada por Joel Rufino dos Santos; e a terceira, de 2018, de autoria de Tom Farias, conhecido por seus relevantes trabalhos sobre a vida e a obra de Cruz e Sousa e José do Patrocínio. Farias destaca “a força criadora e criativa de uma mulher determinada a viver pelo seu ideal de vida, mas que o mundo da indústria da escrita consumiu como um ‘fruto estranho’ que ela se tornou”.

Na década de 2000, foi inaugurado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, o Museu Afro-Brasil, cuja biblioteca leva o nome de Carolina Maria de Jesus. A biblioteca possui cerca de 6.800 publicações com especial destaque para uma coleção de obras raras sobre o tema do Tráfico Atlântico e Abolição da Escravatura no Brasil, América Latina, Caribe e Estados Unidos. A presença afro-brasileira e africana nas artes, na história, na vida cotidiana, na religiosidade e nas instituições sociais são temas presentes na biblioteca. Várias destas obras raras estão disponíveis para leitura no endereço abaixo: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/explore/biblioteca-carolina-maria-de-jesus>>.

De acordo com o crítico e biógrafo Tom Farias,

mulher intemorata, corajosa e cheia de atitudes alvissareiras, Carolina Maria de Jesus, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. E através da leitura das notas do seu diário, fica-se a certeza de que uma mulher sem igual existiu de fato e de direito entre nós, para simbolizar a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos. [...] Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum. (FARIAS, 2020, p. 190). - <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>

Assim, como cunhou o laureado Geógrafo Milton Santos, “o mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir”, e para efetivamente apoiarmos as novas gerações nessa construção, é a presente Indicação para propor a realização de estudos e análises de viabilidade sobre a disponibilização de bibliotecas em todas as instituições de ensino municipais – Lei n.º 12.244 de 24 de maio de 2010, e, ato contínuo, sempre muito respeitosamente, a realização de campanhas acerca da importância da leitura na formação biopsicossocioespíritual das pessoas.

Sala de Sessões “Plínio de Carvalho”, 4 de março de 2022.



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

JOÃO CLEMENTE

PROTÓCOLO 2268/2022 - 04/03/2022 08:43